

A partitura mais difícil da Banda EIT

Fredson Charlson
Da equipe do **Correio**

Enquanto passa as moedinhas de troco nas sacolejantes viagens da linha 928 (QNQ—Ceilândia Centro), o cobrador Fábio de Freitas Lopes, 23 anos, só tem os pensamentos voltados para um sonho realizado. Não por ele — “infelizmente”, diz —, mas por dezenas de colegas seus, músicos da Banda Musical EIT que disputa, amanhã, o VI Concurso Nacional de Bandas e Fanfarras (espécie de campeonato brasileiro do gênero), em Guaratinguetá (SP). Mesmo que não seja fácil concentrar-se no trabalho com a lembrança do sofrimento dos 92 músicos decepcionados com a ausência de patrocínio para conseguir viajar. Arte eles têm. Só lhes faltaram condições mínimas para expressá-la.

Trombonista concentrado, o cobrador de ônibus não erra o troco assim como não erra as notas musicais. O trabalho que consome 7h42-min diários de seu tempo não chega a atrapalhar os ensaios. Principalmente os dos últimos seis anos, quando entrou na banda da escola de Taguatinga, motivado para sair das ruas. “Também queria expressar meus sentimentos e não somente ficar de bobeira”, conta o músico.

Mas Fábio vai ter que torcer de longe. A motivação continua, apesar das dificuldades. O dinheiro que sobra na caixinha do cobrador é espécie rara. Não deu para a viagem, assim como a data do concurso não coincidiu com seu período de folga. A falta de grana também forçou a desistência da

Adauto Cruz



Apesar da dificuldade com patrocínio, os integrantes da Banda EIT vão a São Paulo disputar concurso nacional

mã, a clarinetista Fabiana, 17 anos. “Quase não temos apoio. Os próprios componentes ajudam os músicos mais carentes”, confessa.

Acostumado à luta para tornar a orquestra viável, o maestro João Augusto, 47 anos, correu o Distrito Federal atrás de patrocínio para levar a trupe para o interior paulista.

“Queremos representar bem o Distrito Federal no campeonato. Afinal, são 60 bandas de todo o país

e temos que chegar lá em condições de mostrar nosso talento” reivindica o maestro criador da banda musical do colégio em 1990. Época em que a banda era marcial (sem sax, clarinete e requinta, e com repertório e timbre diferentes) e tinha apenas 18 músicos. Todos alunos do colégio. Hoje em dia, ela é aberta à comunidade.

Oito anos e 18 concursos vencidos em todo o país depois, a banda

vai gastar cerca de R\$ 6.400,00 para custear as despesas de viagem e alimentação. A maior parte do dinheiro foi conquistado em “vaquinhas” e doações. Tudo para apresentar *Aquarela do Brasil* (de Ary Barroso), além de três peças de compositores estrangeiros, como prevê o regulamento do concurso.

UM DOM

A dificuldade em acompanhar a

orquestra causa tristeza para o trombonista Onofre Vito da Silva, 46 anos, auxiliar administrativo do colégio e na banda desde a sua formação. “A gente vem sempre se arrastando, se segurando para sobreviver”, resigna-se. Apesar das decepções, Onofre confessa ter mais alegrias que tristezas na vida. A convivência com os colegas músicos, as viagens e concursos. Mas, principalmente, o que chama de “desopilação dos problemas cotidianos”. Ou seja, a música para Onofre significa uma mudança de atitude para fugir do estresse, espairecer a mente. Viver.

E vida foi o que já conseguiu o saxofonista Antonio Marcos Pereira da Costa, o *Toni*, 28 anos. Fã do saxofonista David Sanborn, ele entrou na banda há quatro anos graças a uma ligação musical com o maestro João Augusto. O motivo principal, porém, foi outro bem mais dramático. *Toni* queria largar as drogas que o acompanharam durante praticamente toda a adolescência. Um mundo que não tinha mais cor. Muito menos som.

“Eu estava me afundando até que conheci Jesus Cristo e a música”, conta o empolgado saxofonista. Primeiro Ele, depois ela. “Foi difícil, mas consegui. A música é um dom. Com ela a gente alegra as pessoas”, opina *Toni*.

SERVIÇO

Os interessados em ajudar a Banda Musical EIT para a disputa do VI Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras podem ligar para o maestro João Augusto, no telefone 913-3395.